

EPISTEME E DOXA NA ERA DA PÓS-VERDADE: IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

*EPISTEME AND DOXA IN THE AGE OF POST-TRUTH:
IMPACTS ON KNOWLEDGE CONSTRUCTION*

*EPISTEME Y DOXA EN LA ERA DE LA POSVERDAD:
IMPACTOS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO*

Ewerton de Santana Monteiro¹

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7553-2492>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7888070307563460>

Email: ewertonsmonteiro@gmail.com

Suely dos Santos²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4400-7699>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7921524883591323>

Email: suely0975@gmail.com

Resumo: Os estudiosos sempre fizeram questão de separar o conhecimento científico (*episteme*), do conhecimento de caráter opinativo (*doxa*), este considerado aquém daquele. É fato que nos dias atuais a ênfase em experiências pessoais e percepções imediatistas, em detrimento dos métodos científicos tem imposto às Ciências uma crise de confiança, pois na pós-verdade a verificação, por vezes, é substituída pela convicção, já que o que importa é a adequação às crenças e valores pessoais. A partir de uma revisão de literatura, baseada em autores como Flanklin (2004), Foucault (2008), Araújo (2020), Vattimo (2016), Barros (2023) e Mattedi (2008), este trabalho apresenta breve e didaticamente, os conceitos de *episteme*, *doxa* e pós-verdade, frente à produção do conhecimento e do fazer ciência nos dias atuais. Conclui-se que a pós-verdade se apresenta como ameaça para a ciência e a Verdade, e urge a necessidade do fortalecimento da educação crítica, das instituições democráticas e da ciência.

Palavras-chave: Episteme; Doxa; Pós-verdade; Sociologia.

DOI: 10.26512/ser_social.v28i58.55610

Abstract: Scholars have always made a point of separating scientific knowledge (episteme) from opinionated knowledge (doxa), which is considered to be inferior to the former. It is a fact that nowadays the emphasis on personal experiences and immediate perceptions, to the detriment of scientific methods, has imposed a crisis of confidence on the sciences, because in the post-truth era, verification is sometimes replaced by conviction, since what matters is the suitability of personal beliefs and values. Based on a literature review of authors such as Flanklin (2004), Foucault (2008), Araújo (2020), Vattimo (2016), Barros (2023) and Mattedi (2008), this paper briefly and didactically presents the concepts of episteme, doxa and post-truth, in relation to the production of knowledge and the doing of science today. It concludes that post-truth poses a threat to science and Truth, and that there is an urgent need to strengthen critical education, democratic institutions and science.

Keywords: Episteme; Doxa; Post-truth; Sociology.

Resumen: Los eruditos siempre han insistido en separar el conocimiento científico (episteme) del conocimiento de opinión (doxa), que se considera inferior al primero. Es un hecho que en la actualidad el énfasis en las experiencias personales y las percepciones inmediatas, en detrimento de los métodos científicos, ha impuesto una crisis de confianza en las ciencias, ya que en la era de la posverdad la verificación se sustituye a veces por la convicción, puesto que lo que importa es la idoneidad de las creencias y los valores personales. A partir de una revisión bibliográfica de autores como Flanklin (2004), Foucault (2008), Araújo (2020), Vattimo (2016), Barros (2023) y Mattedi (2008), este trabajo presenta de forma breve y didáctica los conceptos de episteme, doxa y posverdad en relación con la producción de conocimiento y el hacer ciencia en la actualidad. Concluye que la posverdad representa una amenaza para la ciencia y la Verdad, y que es urgente fortalecer la educación crítica, las instituciones democráticas y la ciencia.

Palabras clave: Episteme; Doxa; Posverdad; Sociología.

INTRODUÇÃO

Da filosofia a história, passando pela psicologia, sociologia entre outras ciências e saberes, a separação rígida e altamente valorativa entre os conhecimentos doxológico e epistemológico sempre foi uma tônica entre boa parte de seus estudiosos (FUNARI, 1992). Neste sentido, no geral, o caráter do conhecimento de cunho meramente opinativo (doxa), sempre esteve aquém do conhecimento verificável e científico (episteme).

Entretanto não é de agora que movimentos políticos, inclusive da própria academia, de algum modo se insurgem contra essa rigidez e a separação completa ou em parte dos tipos de conhecimentos conhecidos como doxa e episteme. Nesta perspectiva, em *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*, Latour (2001, p. 34) critica a “visão científica tradicional que apresenta a ciência isolada, desconectada do contexto social e das interações humanas (e não-humanas)”. E deste modo, o autor exemplifica a questão com a ideia de “um sistema arterial sem conexão com o sistema venoso”, enfatizando a necessidade de se reconhecer a “vascularização” das disciplinas científicas, portanto, as interconexões e influências mútuas com o mundo exterior a academia (LATOUR, 2001, p. 97).

Por outro lado, a despeito da existência de qualquer movimentação insurgente de rejeição a esta separação no seio da dogmática científica, nos dias atuais um fenômeno contestador à ciência tem se expressado com muita intensidade, seja na pura e simples contestação do tradicionalismo ou do modo de fazer científico, seja pelas experiências pessoais e pelas percepções imediatistas em detrimento aos conhecimentos históricos e científicos de verificação até então consolidados. E nesse contexto, as Ciências de várias áreas, vêm enfrentando forte crise de desconfiança e uma disputa desleal, já que na pós-verdade a verificação muitas vezes é substituída pela convicção, e, ainda que mesmo uma vez comprovada falsa, pode permanecer como se realidade ou verdade fosse, já que o que importa não é a verdade, mas sua adequação às crenças e valores pessoais de uma parte da população na atualidade.

Tendo em vista esta análise, este artigo apresenta uma breve e didática discussão em um recorte teórico sobre os conceitos de *episteme*, *doxa* e pós-verdade, a partir de autores como Flanklin (2004), Foucault (2008), Araújo (2020) e Roiz (2018), dialoga sobre a produção de conhecimento, que é uma atividade racional humana, suas fronteiras, seus limites, desafios, as intersecções das diferentes formas de saber e o fazer ciência na atualidade, com autores como Vattimo (2016), Barros (2023), Matte-di (2008), reflete sobre os conflitos entre os tipos de conhecimento e as controvérsias dos dias atuais e problematiza as dinâmicas que têm desfavorecido a construção de conhecimentos científicos, históricos e filosóficos, o que certamente é uma ameaça às ciências de forma geral, bem como à outras áreas da sociedade, como a política, por exemplo, que tem sido arduamente afetada por tal dinâmica.

EPISTEME, DOXA E PÓS-VERDADE

A discussão sobre os conceitos filosóficos de *doxa* e *episteme* remonta a antiga filosofia grega em que debatedores como Aristóteles, Protágoras e Platão, e posteriormente também com Agostinho e Descartes, acreditavam em uma completa e radical distinção entre o conhecimento verdadeiro e real, ou *episteme*, e a opinião pessoal e a crença individual, ou *doxa* (SCHORN, 2011).

O termo grego *episteme* é geralmente traduzido como “conhecimento” ou “ciência”. No contexto da filosofia grega, especialmente em Platão, *episteme* se referia a “conhecimento verdadeiro” que naquela concepção não poderia ser realizado

pelos homens, mas apenas pelos deuses que contemplam a verdade em sua totalidade, um conhecimento justificado e racional, e distinto de uma mera opinião pessoal ou crença individual (FRANKLIN, 2004). Assim, para o autor,

[...] *episteme*, como conhecimento da realidade das coisas, manifesta-se como diretamente ligado à Ideia do bem, no sentido de esta garantir a veracidade do conhecimento. Portanto, na República o termo *episteme*, que antes suportava a possibilidade de ser habilidade para algo, agora adquire o conteúdo de saber pleno de certeza, um saber evidente que está ligado diretamente com a realidade da Ideia (FRANKLIN, 2004, p. 374).

Episteme está então relacionado ao conhecimento construído teoricamente, sistemático e fundamentado em princípios científicos, históricos e filosóficos, ou seja, uma forma de conhecimento que vai além do saber prático e cotidiano, sendo caracterizado por uma natureza organizada, lógica e formal.

Para Foucault (2008), *episteme* se refere ao conjunto de saberes e normas que estruturam o conhecimento em uma determinada época, e se refere às práticas discursivas daquele momento, influenciando na maneira como a sociedade compreende a realidade naquele período, são as condições históricas, então, que delimitam o campo do saber científico e a produção de paradigmas, ou seja, tais condições definem as regras de formação, organização e legitimidade de discursos em diferentes períodos. Ele compreende que as estruturas invisíveis moldam as ciências humanas e sociais, influenciando a validade do saber e servem às necessidades de cada momento social, dessa maneira ela não é estática, sofre mudanças conforme as transformações sociais, históricas e culturais, influenciando na produção do conhecimento e como este é concebido e legitimado. Isto nos remete à compreensão de como as formas de pensar e conhecer evoluem com a história da humanidade, e, sociologicamente pensando, percebemos que isto se insere nas discussões sobre as bases epistemológicas que orientam as ciências sociais e a produção de saberes dentro dessas estruturas sociais.

O termo *Doxa*, que também é grego, se traduz como “opinião” e também como crença e se refere às questões tidas como naturais e óbvias pela sociedade, ou por grupos da sociedade, sem a necessidade de serem questionadas ou sujeitas a uma análise crítica mais aprofundada.

Assim, ao contrário de *episteme*, ela se referiria a um conhecimento baseado em crenças comuns, suposições ou em aparências, e não necessariamente em fatos ou provas rigorosas e comprováveis. Em Platão, a *doxa* representa um conhecimento inferior e menos confiável, pois estaria sujeito a mudanças e influências externas, e a *episteme*, por sua vez, seria sólido e estável. De acordo com Franklin (2004, p. 374),

Nos primeiros diálogos, compreende-se *doxa* como simples opinião. O termo grego encerra a significação de uma certa noção de julgamento e sentimento, no sentido de resolução e decisão parcial, baseada unicamente nos dados presentes. Isso implica que *doxa* é compreendida como um certo juízo subjetivo que tem valor apenas momentâneo, um juízo que não poderá ser referência ética, pois tem presente a possibilidade da falsidade das crenças que suportam a ação.

Utilizando o termo dentro de sua teoria de *habitus* e dos campos sociais, Bourdieu (1989), se apropria do mesmo para explicar como as normas, valores e visões de mundo em uma determinada sociedade são internalizadas e aceitas como naturais pelos indivíduos, sem que eles consigam perceber que tais crenças são, na verdade, construções sociais. Para esse autor, *doxa* é central para compreender como as crenças e normas são aceitas socialmente, estruturando o pensamento e comportamento dos sujeitos e está associada a uma forma de poder simbólico, na medida em que grupos dominantes estabelecem o que será considerado verdade ou norma, de forma a moldar a percepção daqueles a serem dominados.

Podemos conceber *doxa*, então, como o conhecimento não verificado, cuja base em crenças, aparências e percepções comuns, estruturam o entendimento, mas sem o rigor necessário da investigação científica ou filosófica. Não se questiona seu relevante papel nas interações sociais, na vida cotidiana e nas relações que se estabelecem nos diferentes grupos sociais, mas deve ser tratado com a cautela necessária no campo do conhecimento, pois a mesma pode se contrapor a verdade de fatos.

Embora o termo pós-verdade remeta à contemporaneidade, seu conceito subjacente é de certo modo bem mais antigo, e se conecta com debates filosóficos sobre “verdade, conhecimento e retórica”. Em consonância a essa afirmação, podemos mencionar as indagações feitas por Nietzsche (2005) no século XIX, ao questionar a objetividade da verdade, sugerindo que o que chamamos de “verdade”, poderia ser uma construção social influenciada por forças de poder, bem como Heidegger (2008), que argumentava que a verdade (*aletheia*) é um desvelar-se que nunca é completo ou final, mas sempre um processo em andamento de interpretação e revelação. Ou seja, a realidade nunca é completamente separada da interpretação humana.

Este fenômeno nos remete a uma condição cultural e política em que fatos científicos e históricos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos das emoções e crenças pessoais e de grupos, e nesse aspecto, o valor da verdade é relativizado, informações são distorcidas e manipuladas criando uma condição nebulosa entre fatos e opiniões, e, exatamente por isso acontece uma relativização do que é a Verdade, passando a ser concebida como objetiva a depender das crenças e percepções pessoais. Para que aconteça o convencimento ou influência, frequentemente está presente a exploração emocional, a disseminação de informações deturpadas, cujo intuito é o de confundir a partir da fragmentação da realidade, e, na medida em que se reforça crenças e valores próprios, se isola as visões de mundo que divergem de si, o que acaba criando diferentes visões paralelas de mundo, do contexto e da realidade. Existe um fomento ao desinteresse e menosprezo pelo conhecimento científico e pela Verdade, que se tornam naturalizados, cotidianos e estimulados.

É relevante pontuar que o termo pós-verdade se notabilizou com os debates da última década, especialmente após ser escolhido em 2016 pelo dicionário Oxford como “a palavra daquele ano” (SEIXAS, 2019; ARAÚJO, 2020), e ganhou destaque nos contextos políticos e midiáticos, especificamente aqueles relacionados à desinformação e manipulação política, a exemplo, foi relacionada diretamente a dois fenômenos políticos extremamente importantes e controversos à época, que foi a vitória de Donald Trump na eleição para a presidência dos Estados Unidos, e a vitória do *Brexit* (abreviatura de *Britain exit*), que era o plano da saída formal do Reino Unido da União Europeia (ARAÚJO, 2020; FUKYUAMA, 2019). Em ambos os casos, os protagonistas foram acusados por seus opositores de usarem pânico morais através de *fake news*, termo usado para se referir à disseminação voluntária, deliberada e intencional de

notícias falsas, com os mais diversos objetivos e expedientes de pós-verdade em suas campanhas, isto porque se observou um aumento no uso de informações distorcidas, notícias falsas e manipulação emocional que se sobrepunham à lógica dos fatos.

Embora acontecimentos como estes reflitam o novo contexto social e político, a prática da distorção de acontecimentos, e a manipulação de fatos e da verdade não são algo novo, não obstante o termo reflete muito as transformações pelas quais o mundo está passando nas últimas décadas, nos âmbitos cultural, social, político e tecnológico, principalmente com o advento das redes sociais e o abalo da confiança nas instituições estatais. A origem do fenômeno pode ser entendida como resultado de múltiplos fatores, sendo profunda em suas raízes, todavia, considerar a fragmentação da mídia, a crescente polarização política e essa crise de confiança em instituições importantes que historicamente detinham a autoridade para definir o que é Verdade, como a imprensa, a igreja, o governo, e a perda da legitimidade destas instituições, nos ajuda a entender a extensão de sua atuação na atualidade.

Nesse sentido, corroborando com esse entendimento, Araújo (2020, p. 03) argumenta que a pós-verdade está relacionada a:

[...] um desinteresse pela verdade. Em sua relação com as informações (ao buscar informações para tomar decisões, ao compartilhar informações para divulgar uma ideia ou convencer outras pessoas), o fato de serem essas informações verdadeiras ou não tornou-se algo irrelevante – mesmo, no contexto tecnológico atual, com muita facilidade e possibilidade de checagem da veracidade das informações a partir de consultas de alguns segundos na internet. A expressão se relaciona também com um certo declínio da razão, de atitudes racionais, em detrimento de ações dirigidas pelo emocional ou por crenças, preconceitos, visões de mundo pré-concebidas e estanques. Tais dimensões acabam por se desdobrar em outros fenômenos e aspectos, tendo implicações para a prática da democracia e da tolerância, estando relacionada a questões como populismo, autoritarismo e cultura do ódio.

Por conseguinte, este é um fenômeno sociocultural que coloca em questão a centralidade da verdade na sociedade. E, diante do que temos presenciado, constatamos que o mesmo tem implicações sérias e profundas para a vida social, o debate político e a confiança nas instituições e seus representantes. Roiz (2018), afirma que para o discurso da pós-verdade não há a necessidade de provas, e comprovações ou demonstrações com base em documentos ou testemunhos verificáveis não são importantes, ao passo que uma mera afirmação sem fundamentação passa a ser considerada como verdade. E aí está o perigo para o conhecimento científico e para a sociedade, pois meras aparências têm se tornado verdadeiras, o falso tem se tornado válido, na medida em que as pessoas não estão tendo o trabalho de buscar a verdade, e isto se deve a uma conduta ultraconservadora que busca atrofiar os direitos humanos e maximizar seus processos de enriquecimento e dominação (ROIZ, 2018).

Citando McIntyre, (2018, in ARAÚJO 2020), Araújo nos traz o apontamento das causas do fenômeno da pós-verdade, que são relacionados por ele como acontecimentos paralelos, assim relacionados: negacionismo científico, em que pessoas comuns, por interesses pessoais, geralmente econômicos, passam a questionar a autoridade da ciência; viés cognitivo do ser humano, que é a tendência de estruturar

crenças e visões de mundo a revelia da razão e das evidências; a queda de importância dos meios de comunicação tradicionais unido ao auge do fenômeno das redes sociais, que se tornaram o ambiente privilegiado para que as pessoas recebam notícias e informações do mundo; e a relativização da verdade promovida pelo pós-modernismo em que se questiona a ideia de existência de uma verdade absoluta, única, e convencional-se a aceitação de que não existe uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa.

Nesse aspecto, na era em que vivemos onde a informação e divulgação de dados são praticamente ilimitados, a questão que se impõe é a capacidade de distinguir nesse mar de narrativas, o que realmente é a Verdade e qual o valor da *episteme* e da *doxa* em meio à tudo isso. Acreditamos que uma das missões para as ciências sociais hoje é compreender como as estruturas de poder, se utilizando da tecnologia e da informação, moldam essa nova relação com a Verdade e quais as implicações disso para a sociedade contemporânea e para o futuro dela.

Deste modo, depreendemos a importância de compreender como os três conceitos- *episteme*, *doxa* e pós-verdade, dialogam entre si, através do debate filosófico de outrora e da atualidade, em que a questão do problema do conhecimento, de sua construção e das relações com ele, definem a existência ou não da verdade, dando os tons das relações nas diversas áreas sociais.

FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO

Conhecimento é uma palavra derivada do verbo conhecer, por sua vez, advinda do latim *cognoscere*, e que, entre outras, significa “aprender a conhecer”, “procurar saber”, “reconhecer”. Por isso, o conhecer, e, conseqüentemente, o conhecimento tem a ver com a procura pelo saber, a busca pelo conhecer (BARROS, et al., 2023).

Esta busca acompanha o homem, desde os primórdios, já que ela é também uma busca pela origem, pela essência. No entanto, esse conhecimento sempre se esbarrou nos limites e validações do próprio homem. A despeito das dinâmicas que se impõem na atualidade com a emergência da pós-verdade, é importante refletir que, sociologicamente falando, o problema do conhecimento se interliga também aos tipos de relações estabelecidas entre as formas do conhecimento e o contexto social no qual está inserido, e que, por sua vez, pode se caracterizar em diversas formas diferentes (MATTEDI, 2008). Assim, ao traçar um caminho do conhecimento, e no desenvolvimento de uma pesquisa, em sua explicação e interpretação, determinados pensamentos, posicionamentos, e uma forma peculiar de ler o mundo é revelada partir das lentes do pesquisador.

Nesse aspecto,

[...] o problema do conhecimento em geral e com as questões relacionadas ao conhecimento científico em particular foi sendo integrada progressivamente ao domínio de investigação sociológica na medida em que a Sociologia conseguiu se desvencilhar tanto da interpretação cientificista da ciência, quanto da forma cientificista de fazer Sociologia. O que caracteriza a concepção cientificista da ciência constitui a valorização dos “fatores epistêmicos” em detrimento dos “fatores sociais” na explicação da validade do conhecimento científico. Nesta caracterização está a ciência e seu produto, o conhecimento (MATTEDI, 2008, p. 42).

A produção de conhecimento é uma atividade especificamente humana, perfeitamente pautável, em inúmeras formas, tais como conhecimento pelo senso comum, religioso ou teológico, artístico, filosófico, científico, dentre outros. É importante salientar que nenhuma forma de compreensão sobre algo é imparcial, mas pelo contrário, é completamente dependente da visão do modelo de leitura de mundo adotada.

Neste aspecto, cada forma de conhecimento oferece uma maneira específica de interpretar o mundo. Quando alguém utiliza uma perspectiva religiosa para entender a realidade, a introdução da filosofia como outra lente pode gerar simetrias, diferenças, tensões ou estranhamentos. Quando essas diferentes formas de conhecimento encontram pontos de convergência, sem se excluir, hierarquizar ou desvalorizar umas às outras, reconhecendo suas limitações, mas contribuindo para a compreensão e reflexão sobre a realidade, é como se o mundo fosse interpretado de forma rica e multifacetada, semelhante a um caleidoscópio (BARROS, et al., 2023).

Portanto, quando a abordagem sociológica relacionou a ciência com o contexto social, ela expôs a contingência do conhecimento científico socialmente. Uma faceta do problema do conhecimento que permite à ciência o autoconhecimento. Entretanto, como aponta Mattedi (2008, p. 43), para muitos cientistas, dentre eles boa parte dos cientistas sociais, esse modo de abordar o problema do conhecimento “subverte a imagem que a ciência faz de si”, e fragiliza a ciência ao ponto de expô-la ao relativismo.

Esta concepção de que a validade do conhecimento científico vem por meio de sua “capacidade de neutralizar as influências sociais, e, portanto, o caráter social do conhecimento científico”, para além de uma “compreensão superficial”, como aponta Mattedi (2008, p. 43), é também uma concepção perigosa, segundo Vattimo (2016). Para ele, essa concepção de verdade é autoritária e reducionista, já que ignora a diversidade de interpretações e a multiplicidade de perspectivas culturais e históricas.

Vattimo (2016), nesse sentido, desafia a suposição central do problema do conhecimento tradicional, que pressupõe a existência de uma verdade objetiva a ser dada. Argumentando que essa busca por uma verdade única e absoluta desconsidera o caráter interpretativo e contingente de todas as outras formas de conhecimento, e pode ainda levar a visões totalitaristas.

Sob o olhar sociológico, falar sobre as fronteiras do conhecimento, significa pensar nos limites, nos desafios e nas intersecções das diferentes formas de saber e perspectivas de realidade e de mundo. Tais fronteiras são dinâmicas e estreitamente ligadas às transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais e envolvem também os campos de saber e as disputas entre os diferentes paradigmas teóricos e metodológicos, que muitas vezes competem por legitimidade, estabelecendo as fronteiras de como o conhecimento é produzido e validado.

É importante que os cientistas tenham consciência das condições históricas e sociais que moldam a produção de conhecimento, isto implica reconhecer os limites impostos entre o sujeito e o objeto de estudo, entre o pesquisador e a realidade social investigada, de acordo com Bourdieu (1989), tais fronteiras são também espaços de poder, onde certas formas de conhecimentos são privilegiadas em detrimento de outras, que sob as intenções da dominação são marginalizadas e subestimadas, a esse respeito, é de suma importância pensar sobre quem decide o que é legítimo e o que está excluído desse processo de legitimação, e, nesse sentido, estudar as fronteiras do conhecimento passa a se configurar como uma análise do poder e da dominação dentro do próprio campo científico e acadêmico.

O entendimento das fronteiras do conhecimento, então, é imprescindível para os estudos das ciências sociais no sentido de compreender e responder aos desafios contemporâneos, cada vez mais dinâmicos, que exigem uma visão mais crítica, ampla, pluralista e inclusiva do saber. Para isso, é crucial o questionamento das hierarquias epistemológicas estabelecidas, desnaturalizando-as e reconhecendo que diferentes formas de conhecimento podem ser valiosas em diferentes contextos

Questionar tais fronteiras é uma forma de promover a democratização do conhecimento e abrir espaço para as muitas inovações que despontam nas intersecções entre os diferentes campos, em um mundo cada vez mais dinâmico e globalizado, o entendimento dessas fronteiras se torna urgente para lidar com os problemas complexos da sociedade, enfrentando os desafios contemporâneos de forma colaborativa e socialmente justa.

DOXA EM DETRIMENTO DA EPISTEME: A ERA DA PÓS-VERDADE

Por conseguinte, pensar em conhecimento e em como ele é produzido em seus vários contextos culturais e históricos, nos remete a discussão inicial e ao entendimento de que apesar dos inúmeros modos e formas de conhecimento existentes os mesmos podem ser no geral divididos nos dois tipos, segundo o que está sendo discutido. O conhecimento científico, relacionado a *episteme* e o conhecimento popular relacionada a *doxa*, se distinguem tanto em suas bases epistemológicas, quanto em sua aceitação e legitimação social. O conhecimento científico é aquele obtido por meio de métodos sistemáticos, rigorosos e controlados de investigação, como a observação, experimentação e análise críticas, há uma busca pela compreensão do fenômeno de maneira objetiva. De modo geral, esse modelo possui metodologia experimental, observacional, e seus resultados podem ser verificáveis, submetendo-se a validação dos pares (ARAÚJO, 2006).

Como todas as formas de conhecimento este busca a verdade, no entanto, para este conhecimento, essa verdade não deve ser confundida com imutabilidade, já que no conhecimento científico a verdade é transitória, podendo ser atualizada ou refutada à medida que novas evidências surgem. É o conhecimento “baseado em evidências”, que se sustenta em dados, e evidências quantitativas ou qualitativas (BARROS, et al., 2023).

Em contrapartida, no conhecimento popular o saber é transmitido por gerações, em geral pelas tradições, e especialmente pela tradição oral, o que consiste em preservar os costumes, as crenças, e as práticas culturais, sendo enraizado na experiência e no senso comum. É um conhecimento baseado na prática, nas experiências pessoais, na observação do cotidiano na experiência direta com o mundo, e por isso, não segue nenhum método específico de investigação, sendo, portanto, mais flexível e adaptável. Como o mesmo é influenciado por fatores culturais, sociais, emocionais e históricos, sendo comumente validado dentro em um contexto específico, não se submete a validação dos pares (BARROS, et al., 2023).

Não obstante as diferenças entre um tipo e outro, tanto o conhecimento científico, quanto o popular, podem ser complementares e a interação entre ambos é essencial para enriquecer nossa compreensão do mundo e enfrentar desafios contemporâneos. Conhecimentos populares, por vezes, forneceram *insights* valiosos a investigações científicas. Como exemplos temos as práticas tradicionais da medicina popular e da bioquímica, que em determinadas culturas têm levado a descobertas científicas importantes tanto sobre práticas, como sobre plantas medicinais. Contudo,

há momentos de conflitos entre os dois tipos de conhecimento, pois enquanto o conhecimento científico busca a objetividade e a universalidade, o conhecimento popular é mais local e pragmático. E tais diferenças se aprofundam especialmente quando o conhecimento popular, sem amparo das evidências científicas, e amparado, muitas vezes, apenas por credos religiosos, tenta se impor ao conhecimento científico (ARAÚJO, 2006).

Esses embates não são novos, há muito tempo ambos os conhecimentos vêm se enfrentando, tentando impor suas verdades objetivas, por vezes, absolutas. No entanto, nos últimos tempos, especialmente depois do fenômeno da pós-verdade, e das *fake news*, essa guerra tem ganhado novos contornos e muitos capítulos.

Autores que vimos aqui, como Vattimo (2016) ou Fukuyama (2018), expuseram fatos da política americana aparados nos fenômenos das *fake news* e da pós-verdade, como a questão das “armas de destruição em massa” que o governo Bush alegava para invadir o Iraque, e as eleições do *Brexit*, no Reino Unido, e de Trump, nos Estados Unidos, respectivamente. Porém, fatos recentes são até mais ilustrativos para expor o fenômeno, como no caso recente da boxeadora argelina, Imane Khelif, medalha de ouro nas Olimpíadas de Paris, 2024, acusada de ser uma pessoa transgênero, com supostas vantagens competitivas para a categoria que disputava. Portadora de hiperandrogenismo, condição clínica caracterizada por níveis excessivamente altos de hormônios masculinos, ela foi desclassificação do Mundial de Boxe pela Associação Internacional de Boxe (IBA), entidade que assiste o esporte mundialmente. No entanto, a entidade não deixou claro os critérios e métodos científicos usados para aferir e justificar a desclassificação da atleta. Assolada em diversas acusações de corrupção, a entidade além de ter a decisão contra a atleta cassada, foi ela própria banida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) (LABOLSSLÈRE, 2024).

Com essas informações todas soltas nas redes sociais, foi o que bastou para a salada de desinformações fervilhar e ajudar a chamada “guerra cultural”. Mesmo de posse de laudos clínicos que supostamente comprovariam sua condição feminina, as declarações do Comitê Olímpico, ou mesmo da delegação argelina, que culturalmente discrimina, e penalmente criminaliza as diversidades sexuais, não bastou para convencer quem não queria ser convencido de que ali não se tratava de um caso de transgeneridade (COI) (LABOLSSLÈRE, 2024).

Outro caso foi publicado pela revista Forum (2024) em que uma bióloga e uma farmacêutica desmentiram um nutricionista que afirmou nas redes sociais que a doença diabetes era causada por vermes que se alojam no pâncreas e impedem a produção de insulina. De acordo com a reportagem, o autor da *fake news* “vendia a solução falsa contra diabetes, oferecendo protocolos para desparasitação, como se fosse a cura da doença”. Afirmação sem respaldo científico, e contrário às pesquisas que afirmam que tal doença, que é caracterizada por elevados níveis de açúcar no sangue, tem relação com a predisposição genética, como também com o sedentarismo e a obesidade.

No entanto, a juíza da primeira Vara do Juizado Especial Cível condenou as cientistas, exigindo que o vídeo que as mesmas publicaram em suas redes alertando as pessoas “sobre os perigos de abandonar o tratamento comprovado do diabetes para seguir o protocolo sem comprovação e respaldo científico”, fosse apagado, caso contrário, seria aplicada uma multa de cem reais por dia de descumprimento, além de mil reais por danos morais ao nutricionista que divulgou a notícia equivocada. A sentença se baseou na afirmação de que as cientistas causaram ao nutricionista uma “situação de vergonha e tristeza por compartilharem o perfil público do mesmo”. Tal situação mostra que a suposta liberdade de expressão, tão defendida nos dias atuais, prejudica,

neste caso, essencialmente o direito à informação verídica sobre a doença e sobre o perigo de abandonar tratamentos consolidados, prejudicando assim o progresso científico e suas conquistas nas últimas décadas.

Os exemplos apresentados nos mostram que o que importa nessas circunstâncias não é a busca pelo conhecimento, tão pouco a veracidade dos fatos, ou as verdades objetivas, sobretudo, se o debate for político, mas sim, as verdades que confirmem as inferências pessoais, verdades estas que confirmem os interesses e ideais individuais ou de grupos.

A realidade que presenciamos em toda essa dinâmica que nos inquieta e preocupa, reflete a grande transformação cultural que temos passado enquanto sociedade cultural e tecnológica, em que a *doxa* tem desempenhado em papel mais central do que a *episteme* e o conhecimento científico fundamentado tem sido relegado a status secundário. Pensar a realidade que se impõe a todos nós nos dias atuais, principalmente com a influência da tecnologia de informação e comunicação, e com o advento das redes sociais, nos impõe também desafios profundos não somente para a ciência, mas para a democracia e para as formas de construirmos a realidade coletiva. Num momento histórico em que a verdade é relativizada e as opiniões e emoções prevalecem sobre os fatos e provas científicas, enfatizar a importância de distinguir e valorizar, em sua medida, os fatos e as opiniões se torna uma tarefa árdua, mas fundamental para o fortalecimento das sociedades contemporâneas.

Isso implica fundamentalmente a recuperação do prestígio e da confiança nas instituições e no conhecimento científico e requer um esforço conjunto entre as áreas de conhecimento e da sociedade como um todo para promover a harmonia social e o fortalecimento das instituições de educação, assim como a valorização de debates públicos mais fundamentados, informados e racionais.

CONSIDERAÇÕES

No que se refere a esse assunto, acreditamos que todos, seja de qual área da ciência for, teremos muito a discutir ainda. O conhecimento é um dos temas centrais da essência humana, e o problema do conhecimento é de fundamental importância, já que a este cabe implicações para a ciência, a ética, a política e demais áreas do saber. Somos desafiados a pensar criticamente sobre como formamos nossas crenças, como justificamos o que sabemos e quais são os limites da nossa compreensão do mundo. Em um contexto contemporâneo, essas questões se tornam ainda mais relevantes diante de fenômenos como a desinformação, o avanço tecnológico e a diversidade cultural.

É deste modo que, ir além do “mito da verdade objetiva” significa reconhecer a natureza interpretativa e pluralista da verdade, que se abre ao diálogo com outras perspectivas, resistindo às tentações de imposição de verdades absolutas. Essa postura filosófica, centrada na ideia de Vattimo (2016), busca promover uma sociedade mais democrática, inclusiva e tolerante, onde a multiplicidade de vozes e interpretações seja valorizada em vez de reprimida. Portanto, mesmo na diversidade dos conhecimentos científicos e populares, deve-se ter em mente que ambos são formas válidas de entender o mundo. A ciência oferece uma abordagem objetiva e sistemática, enquanto o conhecimento popular traz uma perspectiva prática e contextual, algumas vezes, rica em sabedoria cultural, sendo inegável que o diálogo entre essas formas de conhecimento pode enriquecer ambas, promovendo uma compreensão mais ampla e holística da realidade.

No entanto, também é inegável que a pós-verdade coloca em xeque fundamentos caros para a ciência, como a racionalidade, a objetividade e a busca pela verdade. Isso evidencia como na contemporaneidade o conhecimento, a política, as relações sociais estão intimamente entrelaçadas com as emoções e crenças individuais. Para enfrentar esse desafio é mais do que nunca necessário a promoção de uma educação crítica e um esforço coletivo para restabelecer a importância dos fatos, a confiança nas instituições democráticas e na ciência, bem como nas evidências históricas e científicas para a formação de opiniões e decisões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação**. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 25, p. 01–17, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673>>. Acesso em: 22 ago. de 2024.

BARROS, Hellen Christina Justino; CALDAS, Lígia Cavalcanti; VIÉGAS, Maria Ramos. Conhecimento científico e as tensões com outras formas de conhecimento. Everton Cavalcanti...[et al.] (Org.) **Produção do conhecimento no campo educacional**. Recife, PE: Ed. Dos Autores, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FUKUYAMA, Francis. **Identidades**. A Exigência de Dignidade e a Política de Ressentimento. Lisboa: Dom Quixote, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Doxa e Episteme**: a construção discursiva na narrativa histórica (ou Salúcio e a historiografia). *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 1992. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12169/8821>>. Acesso em: 23 set. de 2024.

FRANKLIN, Karen. **Os conceitos de Doxa e Episteme como determinação ética em Platão**. *Educar em Revista*, n. 23, p. 374-375, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/mxGBW4njhGMHDSZgtjGZx/>>. Acesso em: 23 set. de 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do Caminho**, Petrópolis: Vozes, 2008.

LABOLSSLÈRE, Paula. **Entenda polêmica envolvendo boxeadora argelina na Olimpíada**: luta com italiana levantou debate sobre o gênero de Imane Khelif. Agência Brasil, Brasília, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2024-08/entenda-polemica-envolvendo-boxeadora-argelina-na-olimpiada>>. Acessado em 30 ago. de 2024.

LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Trad.: Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001.

MATTEDI, Marcos Antônio. **Dilemas da simetria entre contexto social e conhecimento**: a redefinição das modalidades de abordagem sociológica do problema do conhecimento. *Revista de Sociologia Política: Política e Sociedade*. v. 3 n. 4, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2001>>. Acesso em 23 set. de 2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROIZ, Diogo da. **Uma “era de pós-verdade”, ou a invenção de um novo inventário de mentiras? Os desafios da educação, a fragilidade dos direitos humanos e a manipulação da política**: estudos introdutórios. In. ROIZ, Diogo da.; GOMES, Geovane F.; SANTANA, Isael J. (orgs). A (pós-) verdade em uma época de mutações. Serra: Editora Milfontes, 2018. Disponível em: <[https://editoramilfontes.com.br/acervo/A%20\(pos-\)%20verdade%20em%20uma%20epoca%20de%20mutacoes%20civili-zacionais.pdf](https://editoramilfontes.com.br/acervo/A%20(pos-)%20verdade%20em%20uma%20epoca%20de%20mutacoes%20civili-zacionais.pdf)>. Acesso em: 23 set. de 2024.

SCHORN, Remi. **O discurso sobre o sujeito é *episteme* ou *doxa*?**. Tempo da Ciência, [S. l.], v. 18, n. 35, p. 153–164, 2000. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9006>>. Acesso em: 15 ago. de 2024.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade**: o problema das convicções. El-D&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 18, p. 122-138, abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/ideia/article/view/2197>>. Acesso em: 23 set. de 2024.

VASQUEZ, Lucas. O caso das cientistas condenadas por desmentirem fake News sobre diabetes. Revista Fórum. 12/09/2014. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/saude/2024/9/12/caso-das-cientistas-condenadas-por-desmentirem-fake-news-sobre-diabetes-165466.html>>. Acesso em 23 set. de 2024.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à Verdade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

Notas finais

1 Mini currículo: Doutorando em Sociologia (UFS); mestre em Segurança Pública (UFBA); especialista em Sociologia (UFBA); especialista em Criminologia (USP), graduado em Segurança Pública (UFBA) e em História (UNEB). Membro do Laboratório de Estudos do Poder e da Política (LEPP/UFS).

2 Mini currículo: Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Desenho com ênfase em Memória e Registro (UEFS) e Educação Especial Inclusiva (FAVENI). Licenciada em Pedagogia e em Artes Visuais. É membro dos grupos de pesquisa: Estudos Interdisciplinares em Desenho; História e Memória do Desenho como objeto de ensino: saberes, materiais, agentes e políticas educacionais (DELET/UEFS) e Corpo-Território, Educação e Decolonialidade (DEDU/UEFS), vinculados ao CNPq.

SER
Social